

PERCEPÇÃO DE UMA INTÉRPRETE DE LIBRAS SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM DE UMA ESTUDANTE SURDA NÃO ALFABETIZADA EM LIBRAS EM UMA ESCOLA NO MUNICÍPIO DE GRAVATÁ - PE

Alzira de Lucena Correia Leite Neta ¹

Renato Amorim da Silva ²

Anderson Thiago Monteiro da Silva ³

Karlene Felix dos Santos ⁴

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo verificar a percepção de uma intérprete de LIBRAS a respeito da formação de uma estudante surda, não alfabetizada em LIBRAS. A pesquisa apresentou abordagem qualitativa, sendo do tipo descritiva, pois são descritos fatos que interagem com o objeto de estudo. Para a execução da pesquisa foi realizada entrevista com a intérprete, por meio de um questionário com perguntas abertas. A aprendizagem da estudante é desafiadora, visto que a mesma não é alfabetizada em LIBRAS nem na Língua Portuguesa, dificultando assim a comunicação com professores e demais estudantes. Perante esta condição a intérprete proporciona momentos para ensinar a língua para a estudante fora do horário de aula, enquanto os professores planejam atividades juntos à intérprete. No planejamento são considerados e propostos recursos lúdicos para a abordagem de conceitos, assim como é preconizado pelos profissionais a utilização de recursos visuais para facilitar a construção de conhecimento da aluna surda. Diante deste quadro, a entrevistada relata sobre a necessidade de ajustes na instituição de ensino, sobretudo na oferta da LIBRAS como disciplina objetivando facilitar a comunicação dos alunos surdos com a comunidade escolar, potencializando o desenvolvimento e aprendizagem de tais indivíduos.

Palavras-chave: Educação inclusiva, Educação de surdos, Intérprete de LIBRAS, Ensino e aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 já preconizava que a educação é um direito de todos e dever do Estado (BRASIL, 1988). Ao apresentar em seu artigo 208 a necessidade de possibilitar o atendimento educacional especializado para pessoas com

¹ Graduanda do Curso de Lic. em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAV, lucenna.isaa1810@hotmail.com;

² Graduando do Curso de Lic. em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAV, renatoamorim2009@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Lic. em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAV, andersonthiago72@gmail.com;

⁴ Pós graduada em Psicopedagogia, graduada em Pedagogia – FACOL e em Lic Ciências Biológicas-UFPE/CAV, karlenefelix@hotmail.com

deficiência, ainda que na década de 1980 a educação dessas pessoas já era colocada em pauta, sobretudo ao compor o documento oficial (STROBEL, 2006). Assim, ao longo dos anos diversos pesquisadores e profissionais da Educação se posicionaram na luta pela efetivação dos direitos da pessoa com deficiência, essencialmente no que se refere ao direito de acesso à educação escolar (MONTEIRO, 2006; PASSERINO; PEREIRA, 2014).

Há diversos aspectos relacionados à Educação inclusiva, entretanto trataremos em foco sobre Educação de surdos, que compreende uma área com diversas discussões, publicações e pesquisas no Brasil (LACERDA, 2006; SOFIATO; REILY, 2017). Com base na legislação brasileira, a educação dos surdos ganhou visibilidade em vários aspectos, a exemplo da lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhece e valida a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) (HORTÊNCIO, 2005). Língua esta que está ancorada em cinco artigos dentre os quais afirmam que a LIBRAS é um meio legal de comunicação e expressão que deve ser garantido pelo poder público, bem como, ser ofertada e garantida plena assistência com atendimento e tratamento adequado de acordo com as normas legais em vigor (BRASIL, 2002).

Um dos maiores pontos de discussão da lei citada, está no capítulo VI que elucida sobre a garantia e direito à educação das pessoas com surdez. Nesse contexto a lei prevê a inclusão do aluno surdo que deve ser garantida por meio da organização escolar em escolas bilíngues aberta a comunidade escolar, atendimento educacional especializado, utilização de equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, informação e educação do estudante, bem como serviços de auxílio do tradutor e intérprete de LIBRAS (BRASIL, 2002).

Embora a legislação referente à educação da comunidade surda compreenda um significativo avanço histórico, ainda são necessários aprofundamentos em políticas de inclusão (ALVES; CAMARGO, 2013). Assim como, há a necessidade de um trabalho conjunto entre profissionais da educação e demais componentes da sociedade para que seja promovida a real inclusão de pessoas surdas (OLIVEIRA, 2012; CARVALHO, 2017).

No entanto, mesmo havendo leis muito bem embasadas, projetos de leis em vigor e discussões sobre a formação do surdo, há lacunas no que versa a educação formal para esses indivíduos (MIRANDA, 2004). Dentre as dificuldades, recebe destaque a interpretação de conceitos específicos em determinadas disciplinas, para os quais normalmente não há sinais em LIBRAS (ALVES; CAMARGO, 2013). Monteiro (2006), afirma que os conceitos com elevado nível de abstração são tidos como os de maiores dificuldades, tanto para o intérprete, como para a compreensão do estudante surdo. Lacerda (2009), discorre sobre a ausência de intérpretes na educação regular, enquanto Campos (2011) reflete sobre a importância de uma boa formação

de professores da educação básica para o atendimento adequado de estudantes surdos. A qual deve subsidiar práticas pedagógicas que promovam o desenvolvimento cognitivo dos estudantes surdos (SANTANA; SOFIATO, 2017).

O trabalho do intérprete é fundamental ao desenvolvimento dos estudantes surdos, pois facilitam a comunicação (QUEIROZ; BENITE, 2010; ROMERO, 2014). Entretanto, por vezes, o papel do intérprete de LIBRAS está associado apenas a transmissão da informação oral do professor em LIBRAS para os surdos (MONTEIRO, 2006). Dessa forma, é importante que a atuação deste profissional esteja pautada em práticas educacionais desenvolvidas juntamente com o professor de forma a auxiliar efetivamente a formação dos indivíduos surdos (BORGES; TAVARES JUNIOR, 2018).

Segundo Porto e Silveira (2013), seria de melhor apoio pedagógico para um estudante surdo, o auxílio de um intérprete da área específica em que são ministradas as aulas, em decorrência da familiarização do mesmo com os termos específicos. Dessa maneira, Bruno (2011) traz a reflexão de que a presença deste em sala de aula, por si só, não garante a aprendizagem de estudantes surdos, assim são necessárias atuações conjuntas entre professor e intérprete visando o pleno desenvolvimento dos estudantes (PORTO; SILVEIRA, 2013).

Nessa perspectiva, entendendo o papel do intérprete de LIBRAS e sua importância perante as dificuldades e os obstáculos enfrentados durante sua atuação profissional no ambiente escolar, o presente trabalho objetiva verificar a percepção de uma intérprete de LIBRAS a respeito da formação de uma estudante surda, não alfabetizada em LIBRAS, em uma escola no município de Gravatá - Pernambuco.

METODOLOGIA

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa, visto que, se busca a qualidade das características relacionadas à temática (BAUER; GASKELL, 2017), sendo do tipo descritiva, pois são descritos fatos que interagem com o objeto da pesquisa (SEVERINO, 2007). Para a execução da pesquisa foi realizada uma série de perguntas com uma intérprete de LIBRAS, e como instrumento para a coleta dos dados foi utilizado um questionário com perguntas abertas. A partir das respostas obtidas foram discutidas as principais ideias apontadas pela profissional entrevistada.

O intuito do questionário foi entender a percepção da intérprete quanto a adaptação ao ambiente escolar e a aprendizagem de uma estudante surda que não é alfabetizada em LIBRAS,

buscando compreender melhor quais foram as principais dificuldades enfrentadas nesse percurso. A aplicação da pesquisa se deu em uma Escola de Referência no município de Gravatá-PE.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário aplicado foi estruturado em 21 perguntas abertas (Quadro 1). De acordo com Chagas (2000), questionários que possuem questões abertas possibilitam ao respondente fazer uso de suas próprias palavras, sem se preocupar com a escolha limitada de determinadas alternativas, como ocorre em questões de múltipla escolha. Nesse aspecto, Mattar (1994) apresenta como vantagens de questões abertas o poder de influência reduzido nos questionados, um menor tempo de elaboração, ampliam pontos que vão além das questões fechadas, entre outros aspectos.

Quadro 1. Perguntas do questionário e respostas da intérprete.

Pergunta	Resposta
Quais são as barreiras ou dificuldades que você encontra no processo de inclusão da sua aluna surda na escola?	<i>“A falta de comunicação dos alunos (colegas de sala) e demais professores com a aluna surda. Tive que trabalhar um pouco a autoestima dela pois era extremamente triste quando cheguei, afinal ela não sabe ler e nem escrever em Português e sem falar que não foi alfabetizada em LIBRAS”</i>
Como você avalia o processo de inclusão dessa aluna na escola?	<i>“Em desenvolvimento. Na escola nunca houve antes alunos surdos logo, é uma novidade para todos. Atualmente só temos dois alunos surdos matriculados”</i>
Qual tem sido o apoio da rede escolar que você tem observado?	<i>“O investimento ainda é limitado pois os alunos surdos não precisam apenas do intérprete de LIBRAS. O ideal seria LIBRAS como disciplina para auxiliar na comunicação dos alunos surdos com a comunidade escolar”</i>
Atualmente sua aluna surda não é alfabetizada em LIBRAS nem em Língua Portuguesa. Como ocorre o processo de aprendizagem dela? Qual sua atuação nesse contexto?	<i>“O ideal seria essa aluna aprender LIBRAS antes, contudo a escola não dispõe de um horário específico para tal. Na grande maioria das vezes ela aprende de maneira lúdica, por imagens e vídeos. Me vejo na obrigação, inúmeras vezes de retirar a aluna da sala de aula e ensinar LIBRAS para facilitar a aprendizagem dela. Está dando certo até o momento.”</i>
Além da deficiência auditiva a aluna possui algum outro tipo de deficiência?	<i>“Não.”</i>

Em quantas disciplinas você atua como intérprete junto a essa aluna?	<i>“Nas treze disciplinas da grade da aluna”</i>
Você possui alguma formação em alguma das áreas da Grade da aluna?	<i>“Não. Eu tenho o curso certificado de intérprete e estou terminando a faculdade de Pedagogia”</i>
Você acredita que uma formação na área ajudaria a melhor auxiliar essa aluna?	<i>“No caso, se eu fosse formada em alguma disciplina que a aluna estuda? Sim. Com certeza! Na verdade acredito que esse seria o ideal.”</i>
Exceto a aluna surda não alfabetizada em LIBRAS você possui outros alunos com similar deficiência?	<i>“Não na mesma escola, mas em outras sim porém, eles são alfabetizados em LIBRAS o que facilita de certa forma”</i>
Você participa do planejamento escolar junto aos professores para atender a aluna em questão? Comente um pouco sobre.	<i>“Sim. Os professores e eu conversamos sobre quais são as atividades mais apropriadas, buscamos ferramentas lúdicas para ensinar os conceitos e facilitar o entendimento dela”</i>
Quais são as disciplinas que você sente mais dificuldade em trabalhar com a aluna surda?	<i>“Com certeza as exatas! São extremamente específicas. Explicar fenômenos que já são de difícil compreensão imagina para ela?”</i>
Há diálogos entre você no papel de intérprete e os demais professores em relação a estratégias de ensino da referida aluna?	<i>“Sim, sempre houve. Caso não houvesse seria impossível ajuda-lá.”</i>
Em relação ao convívio da aluna surda com os professores, na sua opinião há alguma preocupação por parte deles na aprendizagem da aluna?	<i>“Sim. Temos uma relação muito boa para com ela. Eles se preocupam bastante, todos eles, me pedem dicas, procuram saber quais as melhores estratégias...”</i>
Os professores fazem uso de estratégias lúdicas ou aulas diferenciadas para incluir essa aluna?	<i>“Fazem. Não é sempre, não ocorre em todas as aulas, mas fazem”</i>
Quanto às atividades em sala de aula (trabalhos em grupo, dinâmicas...), como ocorre a participação da aluna surda?	<i>“Ela nunca foi escanteada, sempre participou de todas, no início ela não queria participar, pois ela era meio depressiva, como falei tivemos que trabalhar em conjunto com a psicóloga da escola, isso nela. Hoje ela faz todas as atividades”</i>
Como é a relação dessa aluna com os demais colegas de sala?	<i>“Eles querem aprender Libras para falar com ela, como ela está também em processo de aprendizagem eles se comunicam através de mímica, gestos... Eles a incluem nas atividades, nas brincadeiras...”</i>
Há quanto tempo você convive/trabalha com a referida aluna?	<i>“Esse é nosso primeiro ano de convívio.”</i>
Você consegue observar alguma mudança comportamental ou de aprendizagem por parte dessa aluna desde a sua colaboração para com a mesma?	<i>“Foram muitos desafios que graças a Deus conseguimos superar, vejo a aluna bastante diferente da menina que conheci no começo do ano. Está mais participativa em vários aspectos, fez amigos, brinca...”</i>
Na sua opinião o que falta na escola para que essa aluna seja melhor atendida?	<i>“Como falei a você, não é necessário apenas um intérprete, eu sinto falta de um Curso de LIBRAS para toda comunidade escolar. Um curso que</i>

	<i>possa ser ofertado no contraturno das aulas e aberto a todos”</i>
Existem outros alunos surdos na escola? Eles convivem de alguma forma?	<i>“Sim, mas eles não convivem pois são de turmas e intervalos diferentes</i>
Quais são suas maiores aspirações no seu trabalho para com essa aluna?	<i>“Poder ajudar ela a se desenvolver cada dia mais.”</i>

Fonte: Os autores.

No questionário, a intérprete aponta a necessidade da LIBRAS ser ofertada como disciplina na escola, com a finalidade de aproximar os educandos surdos da comunidade escolar. Essa atitude seria essencial para o processo de inclusão, pois a partir dela, o estudante ouvinte poderia se colocar na posição do surdo e entender as principais dificuldades que são enfrentadas por ele, estabelecendo assim, atitudes positivas para uma boa convivência (HUIZINGA, 2001).

Ao ser questionada sobre a aprendizagem da estudante surda, não alfabetizada em LIBRAS, a intérprete relata a necessidade de haver um horário específico no contraturno para ensinar tal aluna, visto que, não há esses momentos. Em teoria, é o que deveria acontecer em escolas com atendimento educacional especializado, no entanto, por vezes, isso não ocorre na prática (SANTANA; SOFIATO, 2017). Diante disso, a intérprete menciona como estratégias de ensino o uso de atividades lúdicas, imagens e vídeos. Dessa maneira, Queiroz e Benite (2010) destacam o uso de elementos visuais como alternativas essenciais na educação de surdos.

De acordo com Porto e Silveira (2013), é interessante que a formação do intérprete seja na área específica em que são ministradas as aulas, pois possibilita um maior apoio ao estudante surdo. Este fato pode ser evidenciado na fala da intérprete, quando menciona acreditar que seria o ideal a formação na área específica da grade curricular da aluna.

No que versa as dificuldades, a intérprete remete ao ensino das disciplinas exatas ditas por ela com “certa dificuldade” na compreensão de fenômenos pela aluna, fato que é evidenciado por Porto e Silveira (2013), onde aponta vários estudos que comprovam que de fato existem dificuldades nessas disciplinas devido ao nível de abstração dos conteúdos. Bem como, Alves e Camargo (2013), ao ressaltar a ausência de determinados sinais na LIBRAS para determinados termos específicos, como na área da Física.

Segundo Monteiro (2006), é de fundamental importância a atuação do intérprete juntamente aos professores no desenvolvimento das aulas, para uma melhor atuação de ambas as partes e principalmente para uma melhor aprendizagem do aluno. A intérprete questionada

afirma realizar planejamentos de aula em conjunto aos professores, estando alinhada a essa intenção. E de modo geral há uma compreensão por parte de toda a comunidade escolar no que se refere ao auxílio da aluna em questão. Segundo Hortêncio (2005), para ser intérprete de LIBRAS e atuar no ambiente escolar é necessário ser muito mais que um simples mediador, é preciso desenvolver uma sensibilidade, um outro olhar, visto que, de acordo com Romero (2014), o intérprete é visto pelo aluno surdo como uma janela de comunicação com o mundo, tendo em vista que na maioria das vezes apenas o intérprete o compreende. Criando assim, um processo de intermediação entre o professor e o estudante (OLIVEIRA, 2012).

Um ponto interessante a ser destacado no questionário refere-se ao uso de estratégias diferenciadas para a inclusão da estudante surda, em que a intérprete aponta que os professores, embora não sejam em todas as aulas, ainda buscam desenvolver meios de promover tal inclusão. O que corrobora com Oliveira (2012) e Carvalho (2017), ao ressaltarem sobre a relevância do professor perceber as necessidades do estudante surdo e adaptar estratégias de ensino que possibilitem sua aprendizagem.

A intérprete ainda apresenta relatos da chegada de aluna com depressão na escola, que segundo Prevatt *et al.* (2010) é um caso comum entre crianças e jovens surdos. Apesar disso, todos os esforços da intérprete estão associados ao desenvolvimento da aluna que chegou no início do ano de 2019 na escola e até então apresenta um bom desenvolvimento e uma boa adaptação. A gestão escolar por sua vez vem se reorganizando para melhor atender a essa aluna e auxiliar na sua formação escolar e os professores e alunos contribuem significativamente para tal intento. A chegada de outro estudante surdo na escola, foi mais um fator para despertar uma maior preocupação por parte da gestão, que passou a ofertar mais cursos de formação, reuniões e planejamento, visando um melhor atendimento a esse público.

Ainda existem dificuldades como a ausência de um curso de LIBRAS em contraturno, mas a interprete revela que uma promessa para um futuro próximo já foi feita. Contudo, de certa forma, a atuação da comunidade escolar no auxílio a aluna surda traz à tona resultados positivos do ponto de vista da aprendizagem dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais dificuldades e obstáculos enfrentados pela intérprete ao longo do percurso escolar com a estudante surda, reforçam os dados e questionamentos levantados em pesquisas anteriores que abordam sobre a mesma temática. Isto demonstra a real necessidade de estimular

e desenvolver nas escolas práticas e perspectivas mais inclusivas, que sejam capazes e suficientes para atender estudantes com as mais diversas necessidades específicas educacionais, oferecendo então, todo o suporte e apoio necessário para uma aprendizagem realmente significativa na vida dos mesmos.

No caso específico da estudante relatada pela intérprete participante da pesquisa, já existiram tentativas frustradas por parte dos profissionais das escolas anteriores em alfabetizá-la na Língua Portuguesa, ainda sabendo que a mesma não era ao menos alfabetizada em LIBRAS, a qual deveria ser sua primeira língua. Até então, a aluna acabou desenvolvendo um grau de depressão moderado, apontado pela psicóloga da escola atual, e que vem sendo trabalhado pela mesma juntamente a intérprete e os demais professores da escola.

Apesar dos grandes empecilhos, as aulas de LIBRAS que a intérprete tem oferecido em outros horários para a estudante, mesmo não sendo exigida pela escola, estão oferecendo um grande suporte, pois a partir delas, a aluna consegue acompanhar o conteúdo que está sendo trabalhado no mesmo no mesmo tempo em que seus colegas de classe aprendem, ao passo que estimula a comunicação entre eles.

Dessa maneira, é possível concluir o quanto é essencial o trabalho do intérprete de LIBRAS no desenvolvimento e na construção do conhecimento de um aluno surdo, bem como, a importância da alfabetização desta língua. Afinal, sem esta os obstáculos que possivelmente possam surgir nos processos de ensino e aprendizagem sem dúvidas tenderão ser maiores. Assim, a oportunidade de refletir a respeito das dificuldades que permeiam o âmbito educacional se faz necessário, uma vez que, é a partir da investigação das relações de ensino que novas perspectivas para a educação podem ser propostas.

REFERÊNCIAS

ALVES, F. S.; CAMARGO, E. P. O atendimento educacional especializado e o ensino de física para pessoas surdas: uma abordagem qualitativa. *Abakós*, v. 2, n. 1, p. 61-74, 2013.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2017.

BRASIL. **Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília, 25 abr. 2002. p. 23.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil, Poder Legislativo, Brasília, 1988.

BRUNO, M. M. G. Políticas afirmativas para a inclusão do surdo no ensino superior: algumas reflexões sobre o acesso, a permanência e a cultura universitária. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 92, n. 232, p. 542-556, 2011.

BORGES, R. B.; TAVARES JUNIOR, M. J. O intérprete de LIBRAS no ensino de Ciências e Biologia para alunos surdos. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 11, n. 2, p. 61-76, 2018.

CAMPOS, M. L. I. L. Educação Inclusiva para surdos e as políticas vigentes. *In:* In: LACERDA, C.B.F.; SANTOS, L.F. (org). **Lingua Brasileira de Sinais – LIBRAS: uma introdução**. São Carlos: UAB-UFSCar, 2011, p. 29-50.

CARVALHO, A. S. **Educação inclusiva: Práticas docentes frente à deficiência auditiva**. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade Anhaguera, Guarulhos, 2017.

CHAGAS, A. T. R. O questionário na pesquisa científica. **Administração On Line**, v. 1, n. 1, 2000.

HORTÊNCIO, G. F. H. **Um estudo descritivo sobre o papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová**. Dissertação. 2005. 108 f. (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. 2005.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: O jogo como elemento de cultura**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2001.

LACERDA, C. B. F. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. **Cad. Cedes**, v. 26, n. 69, p. 163-184, 2006.

LACERDA, C. B. F. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, p. 17-19, 2009.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

MIRANDA, A. A. B. História, deficiência e educação especial. **Revista HISTEDBR**, Campinas, v. 15, p. 1-7, 2004.

MONTEIRO, M. S. História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 292-305, 2006.

OLIVEIRA, F. B. Desafios na inclusão dos surdos e o intérprete de Libras. **Diálogos & Saberes**, v. 8, n. 1, p. 92-108, 2012.

PASSERINO, L. M.; PEREIRA, A. C. C. Educação, inclusão e trabalho: um debate necessário. **Educação & Realidade**, v. 39, n. 3, p. 831-846, 2014.

PORTO, N. D. S. G.; SILVEIRA, D. D. Reflexões sobre atuação dos tradutores/intérpretes de libras na área das ciências exatas: qualificando o ensino de matemática para surdos. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENSINO DE MATEMÁTICA-2013*, 6., Canoas. **Anais** [...]. Canoas: ULBRA, 2013. Disponível em: <http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/ciem/vi/paper/view/800>. Acesso em: 20. Jul. 2019.

PREVATT, F.; WELLES, T. L.; LI, H.; PROCTOR, B. The contribution of memory and anxiety to the math performance of college students with learning disabilities. *Learning Disabilities Research & Practice*, v. 25, n. 1, p. 39-47, 2010.

QUEIROZ, T. G. B.; BENITE, A. M. C. Ensino de ciências e surdez: esse “outro” na sala de aula. **Revista da SBEnBio**. n. 03, p. 698 – 709, 2010.

ROMERO, J. D. P. La interpretación al español en las Organizaciones Internacionales y la formación de intérpretes de conferencias de lengua española. **José Joaquín Martínez Egido-Universidad de Alicante**, p. 146, 2014.

SANTANA, R. S.; SOFIATO, C. G. Ensino de Ciências para estudantes surdos: possibilidades e desafios. **Revista Internacional de Formação de Professores**. v. 2, n. 4, p. 37-54, 2017.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. Revista e Atualizada. São Paulo: Cortez, 2007.

SOFIATO, C. G.; RYLEI, L. H. A educação de surdos contada por meio de selos postais. **Educação e Fronteiras**, v. 7, n. 19, p. 6-18, 2017.

STROBEL, K. L. A visão histórica da in (ex) clusão dos surdos nas escolas. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, p. 245-254, 2006.